

Escravidão, biografias e a memória dos excluídos

Nielson Rosa Bezerra*

Resumo

A biografia foi restituída como um tipo de abordagem voltada para a explicação das experiências coletivas através da perseguição de singularidades capazes de expressar o indivíduo como uma representação da sociedade e do contexto onde ele viveu. Essa perseguição poderia ser percebida através da noção de como tratar as fontes históricas considerando os indícios e pistas que, mesmo com uma perspectiva indireta, acabam por oferecer especificidades sobre as pessoas. Assim, eu gostaria de oferecer uma crítica reflexiva considerando as potencialidades da abordagem biográfica no campo de estudos da escravidão africana como uma breve contribuição para se pensar a memória dos excluídos no mundo moderno.

Palavras-chave: Biografia; Escravidão; Memória.

* **NIELSON ROSA BEZERRA** é Doutor em História pela Universidade Federal Fluminense. Atualmente é professor visitante do Departamento de História da Universidade Estadual do Maranhão.

Agradecimentos:

Eu gostaria de agradecer a Paul Lovejoy por ter dialogado diversas vezes comigo sobre a importância da relação entre a escravidão e o método biográfico para o desenvolvimento dos estudos sobre Diáspora Africana. Eu também gostaria de agradecer aos estudantes da Universidade Estadual do Maranhão que participaram do curso “Escravidão e Biografias: conceitos, métodos e fontes”, cujos diálogos foram fundamentais para a sistematização das idéias aqui apresentadas.

Introdução

A biografia como método de investigação social foi abandonada pelos historiadores ao longo de boa parte do século XX. Essa constatação se deu em grande parte pela necessidade de se combater uma perspectiva histórica anterior que privilegiava “os grandes heróis responsáveis pelo processo histórico”. Contudo, no fim do século passado, muitos historiadores retomaram a possibilidade de se pensar um contexto social através de um indivíduo, considerando-o, por exemplo, como “uma expressão micro-dimensionada de um contexto mais amplo”. (REVEL, 1998) Atualmente, a biografia como método histórico tem sido amplamente utilizada em todos os campos historiográficos tanto no Brasil quanto nos espaços acadêmicos de referência internacional.

A biografia foi restituída como um tipo de abordagem voltada para a explicação das experiências coletivas através da perseguição de singularidades capazes de expressar o indivíduo como uma representação da sociedade e do contexto onde ele viveu. Essa perseguição poderia ser percebida através da noção de como tratar as fontes históricas considerando os indícios e pistas que, mesmo com uma perspectiva indireta, acabam por oferecer especificidades sobre as pessoas. Assim, eu gostaria de oferecer uma crítica reflexiva considerando as potencialidades da abordagem biográfica no campo de estudos da escravidão africana como uma breve contribuição para se pensar a memória dos excluídos no mundo moderno. Para isso, seria importante acentuar a constância de estudos quantitativos e estatísticos de um momento anterior e, principalmente as dificuldades de ter acesso a fontes históricas capazes

oferecer informações suficientes para recompor a vida de uma pessoa anônima que vivia sob a escravidão. (LORIGA, 1998) A preocupação com o preenchimento de certa “lacuna metodológica” (LOVEJOY, 1997) precisa ser um constante interesse do historiador voltado para essa relação. A ausência de dados sobre o que os escravizados pensavam e acreditavam são características das fontes tradicionalmente utilizadas pelos historiadores da escravidão. Desta forma, a preocupação em diversificar fontes, cruzar dados e contextualizar informações são fundamentais para se pensar um estudo biográfico de pessoas que foram escravizadas no Brasil e em outras partes das Américas.

Não se pretende com estudos biográficos de escravizados uma volta, ao que Jacques Revel chamou de “vertigem do individual”, (REVEL 1998) mas voltar-se para um novo olhar sobre o fenômeno da escravidão africana no Brasil, considerando uma perspectiva antropologizante de africanos e crioulos que vivenciaram as mais complexas realidades sociais sob a condição de escravos. Além disso, pode-se considerar que as biografias de escravizados também significam uma redução na escala de observação, que permite aos historiadores uma visão mais precisa dos detalhes e particularidades de fenômenos globais, normalmente imperceptíveis em análises mais generalizantes. Nesse sentido, cabe ressaltar o anonimato, sobretudo na relação entre a Escravidão e a Biografia, como um fator primordial para os estudos baseados em biografias históricas que se destacaram na produção brasileira e internacional durante as últimas décadas.

O valor do método biográfico pode ser percebido à medida que os historiadores

ampliaram um olhar sobre os estudos dos “excluídos da memória”. Até os anos 1980 pensava-se que os seres humanos classificados socialmente por uma condição econômica menos favorecida deveriam ser estudados apenas através de métodos quantitativos, o que favorecia uma perspectiva de anonimato. Contudo, um contato mais próximo com a antropologia, a perspectiva da experiência e o advento da Micro-história italiana, mesmo que tenham surgido em concepções díspares, influenciaram um olhar em busca de subjetividade do vivido que logo foram aplicadas em estudos sobre operários, camponeses e escravos. (LORIGA, 1998) No Brasil, a resistência aos estudos biográficos também foi, por muito tempo, corroborada por uma perspectiva de coisificação dos escravos africanos. A corrente sociológica que enxergava certa incapacidade de articulação dos africanos escravizados, por certo favorecia a exclusividade do tema por estudos estatísticos, onde as pessoas eram apenas percentagem de uma explicação matemática global.

A escravidão e a diáspora africana eram assuntos contemplados quase exclusivamente através de quantificações, números e estatísticas. Embora ainda seja um recurso fundamental para os historiadores dessas temáticas, muitas vezes, não foi possível dá um rosto para aqueles seres humanos que viveram o cativeiro e que tantas contribuições ofereceram para a formação da sociedade brasileira. Por

conta dessas limitações, os historiadores da escravidão e da diáspora africana no Brasil acompanharam o rompimento do “silêncio biográfico” como método de investigação historiográfica e, atualmente, é possível encontrar muitas obras que oferecem um nível de informações complexas sobre a vida de africanos e crioulos que foram submetidos ao cativeiro durante o período colonial e o século XIX. Quando os historiadores perceberam que os africanos também poderiam ser interpretados como agentes de sua própria história, capazes de articulação social e negociações cotidianas houve de fato um primeiro passo para a

transição dos números para os nomes como centro da abordagem dos estudos sobre a escravidão africana no Brasil.

Biografias e a historiografia da escravidão africana no Brasil

A Revista Brasileira de História comemorativa do

primeiro centenário da Abolição da Escravidão no Brasil foi um marco para essa ruptura de concepções. Estudos de escravidão localizados no espaço rural e no espaço urbano tinham o indivíduo como centro dos estudos apresentados naquele número especial. No espaço rural, os escravos negociavam o direito do cultivo de pequenas roças, de onde ampliavam autonomia e acumulavam valores financeiros que lhes asseguravam a possibilidade de, entre outras coisas, adquirir a própria alforria. Da mesma forma, estudos sobre o trabalho ao ganho revelavam as flexibilidades das relações escravas que



caracterizavam a sociedade e a economia no espaço urbano. Sem falar no artigo de Silvia Lara que, ao descrever uma parte da autobiografia de Mohammah Gardo Baquaqua, também foi um marco para um novo tipo de abordagem do tema. Essas foram contribuições fundamentais para se pensar os africanos escravizados no Brasil em uma nova perspectiva. (LARA et al, 1988)

No ano subsequente, uma importante publicação de João José Reis e Eduardo Silva dava o tom para as novas possibilidades de interpretação dos estudos da escravidão. Os autores propunham uma visão equilibrada para o pensamento sobre os escravizados como agentes de sua própria história. A ruptura e a leniência davam lugar para uma “perspectiva humanizadora” para os indivíduos escravizados. Nem tanto a violência nem tanto a subserviência, mas uma perspectiva cotidiana, onde as pessoas buscavam uma resistência das pequenas coisas através de negociações e conflitos que se davam no dia a dia da sociedade escravista. (REIS; SILVA, 1989)

Segundo Eduardo Silva, mesmo sendo a escravidão africana a uma dos campos mais dinâmico da pesquisa historiográfica, o problema de fontes históricas sempre se caracterizou pela questão que envolvia quantidade, qualidade e adequabilidade. Os historiadores trabalham com as fontes que encontram e não com as fontes que desejam. Na maioria das vezes, os africanos escravizados não sabiam ler ou escrever, portanto, a maior parte das fontes históricas utilizadas para o estudo da escravidão é resultante do processo de controle burocrático e das diferentes formas de repressão institucionalizada no regime escravista.

Conquanto, Eduardo Silva reconstituiu como poucos a biografia de um filho de libertos africanos através de uma análise contextualizada de um indivíduo, considerando a sua época e as singularidades de sua trajetória pessoal. Cândido da Fonseca Galvão vivia na região carioca conhecida como “Pequena África”. D. Oba II d’ África, era considerado um herói de guerra, por conta de sua participação nas batalhas do Paraguai, onde recebeu insígnias e a patente de Alferes do exército, por conta de sua distinção e bravura. Muitas vezes, a sociedade carioca ouviu e comentou as idéias de D. Oba II que era um monarquista, antiescravista e crítico ao racismo. O caminho metodológico de Eduardo Silva, assim como qualquer historiador, foi dificultado pela escassez de fontes históricas sobre alguns detalhes sobre a vida pessoal do biografado. O autor buscou contextualizar a história individual em um contexto coletivo. Desta forma, é possível claramente encontrar uma análise matizada da sociedade em que vivia o biografado apreendendo o trânsito do autor entre o singular e o geral. (SILVA, 1997)

Mais de dez anos depois João José Reis apresentou-nos a biografia do sacerdote africano Domingos Sodré. Nascido no final do século XVIII, em Onim, atual Lagos, Nigéria. Domingos foi escravizado em função das guerras pelo trono daquele reino africano, ainda na primeira metade do século XIX. Na Bahia foi escravo da família Pereira Sodré a quem serviu como escravo até conseguir sua alforria em 1836. Então, Domingo foi para Salvador, onde residia na Ladeira Santa Tereza, no. 7. Como liberto Domingos negociou e ampliou sua autonomia, o que lhe permitiu exercer a função de adivinho e líder espiritual, o que lhe rendia admiração e status entre escravizados e

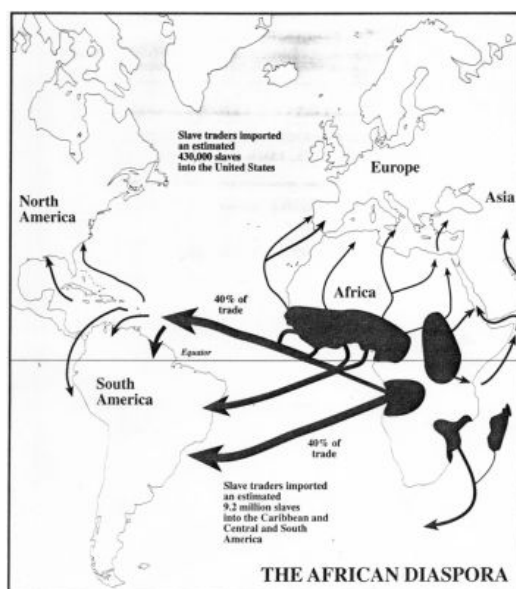
libertos. Contudo, sua condição também atraiu perseguição, invasões de sua casa e prisões sob a acusação de feitiçaria.

João Reis desvendou diversos aspectos da trajetória de Domingos Sodré. Entretanto, como ele adverte, muitas questões que se poderia fazer sobre a vida daquele escravo liberto da Bahia oitocentista ficaram sem respostas. Então, o autor optou pela lógica da História como disciplina do contexto. Assim, em diferentes lugares de sua obra, Reis tira o biografado de cena e busca resposta através da análise de outras personagens e da sociedade onde o indivíduo estava inserido. Como diria Eduardo Silva, o historiador precisa trabalhar os documentos que encontra e não o que ele deseja encontrar. Em função disso, Reis justifica-se afirmando que no caso da recomposição da trajetória de escravos, “as biografias são mais fragmentadas, cobertas de lacunas”, sobretudo se comparadas com as numerosas fontes sobre os representantes das elites do Império. (REIS, 2008)

A escrita de biografias históricas sobre escravos e libertos no Brasil não se restringe aos trabalhos de João José Reis e de Eduardo Silva. Muitos outros estudiosos utilizaram esse gênero metodológico para estudar o movimento da história de nosso passado escravista. De certo que diferentes caminhos metodológicos foram percorridos por cada um desses historiadores. Contudo, a ampliação da concepção de fontes

históricas para o estudo da escravidão tornou-se fundamental para que tais trabalhos fossem realizados. Entre essas fontes, o uso dos documentos policiais foram as mais importantes fontes de pesquisa para o estudo da escravidão. Contraditoriamente, em uma sociedade onde os escravos não tinham direitos e não tinham acesso a nenhum tipo de educação formal, quando cometiam algum crime, as autoridades policiais os identificavam, os descreviam e os ouviam, seja como acusados ou como testemunhas. Assim, muitas informações sobre essas pessoas que viveram a sombra do anonimato foram

provenientes de processos criminais identificados e analisados. Depois disso, recorreu-se a outros tipos de documentos, como processos cíveis, livros de batismos, casamentos e óbitos, cartas de alforrias, recibos de compra e venda, além dos jornais e relatos de viajantes.



Autobiografia, memória e diáspora africana

No mundo anglosófono biografias de escravizados é um gênero que faz sucesso desde o século XVIII. Muitos livros escritos ou ditados por escravos libertos foram utilizados como instrumento de propaganda abolicionista, tanto na Inglaterra, no final do século XVIII, quanto nos Estados Unidos, já na metade do século XIX. Muitas dessas autobiografias serviram como base para novas pesquisas historiográficas publicadas ao longo do século XX. Seria possível citar diferentes exemplos desse gênero

metodológico, contudo, prefiro me resguardar minha atenção nos trabalhos sobre Olaudah Equiano ou Gustavus Vassa (VASSA, 1789) e Mohammah Gardo Baquaqua. (LAW; LOVEJOY, 2007) Esses dois notáveis africanos libertos, cada um ao seu modo, contribuíram para perpetuar o conhecimento do comércio atlântico de escravos e a vida dos africanos sob os interesses escravistas do ocidente.

De acordo com *The Interesting Narrative*, sua autobiografia publicada pela primeira vez em 1789, Olaudah Equiano nasceu em 1745 um Igbo na região da Baía de Biafra, parte do sudeste da atual Nigéria. Aos onze anos de idade ele foi escravizado e levado para as Américas onde foi submetido ao trabalho forçado em diferentes lugares do Caribe e dos Estados Unidos. Pouco tempo depois, um comerciante britânico o comprou novamente e levou-o para Londres, onde ele foi batizado como Gustavus Vassa e colocado ao serviço da Marinha Real Britânica durante a Guerra dos Sete anos. Depois da guerra e mais uma troca de proprietário, Equiano ou Vassa conseguiu dinheiro suficiente, mediante pequenas negociações que lhe era permitido realizar, para comprar a sua própria liberdade em 1766. Já como um homem livre, Equiano fez muitas viagens comerciais entre diferentes regiões do mundo entre 1767 e 1773. Depois disso, ele retornou para Londres. Esta autobiografia foi um poderoso instrumento de sensibilização da sociedade britânica para a causa abolicionista, além de render prestígio e ganhos financeiros para o seu autor.

Há mais de uma década atrás, Vicent Carretta reeditou a autobiografia de Olaudah Equiano ou Gustavus Vassa com uma introdução e notas explicativas sobre os relatos

encontrados na obra original. Não obstante, Carretta também publicou diferentes artigos com o objetivo de esclarecer controvérsias sobre as informações que Equiano fizera sobre sua própria vida. Por exemplo, Carretta buscou em documentos como registros militares e comerciais que contradizem datas, fatos e lugares daqueles declarados na autobiografia de Equiano. Por último, Carretta identificou um registro de batismo de 1759 que sugere o nascimento de Equiano em na Carolina do Sul nos Estados Unidos. Com isso, Equiano deixaria de ser um africano e passaria a ser tratado como crioulo. Mais do que isso, Equiano teria sido um inventor de uma inexistente identidade africana. (CARRETTA, 2010)

Paul Lovejoy respondeu aos esforços de Vicent Carretta através de conferências e artigos utilizando uma reflexão sobre autobiografia e memória. Segundo ele, a despeito dos documentos apontados por Carretta, a autobiografia de Equiano oferece razoáveis detalhes. Além disso, alguma distorção favorável ao seu auto-interesse sempre caracterizou o gênero da autobiografia. Para o autor, Equiano sempre revelou que ele escolheu, consciente ou inconscientemente, selecionar da memória dele e que havia lacunas que indicava algumas coisas que ele desejava esquecer. O lugar onde ele nasceu não era uma dessas coisas. A autobiografia não é um preciso indicador da memória e a memória não é uma exata réplica daquilo que aconteceu. Autobiografia pode ser usada como uma forma de entender o que e por que as pessoas lembram. Então, a narrativa de Equiano precisa ser localizada, contextualizada e confrontada com a documentação disponível. Entretanto, essa metodologia precisa ser voltada para um exame da memória da escravidão e da

abolição, causas que Equiano protagonizou, independente da origem de seu nascimento. (LOVEJOY, 2010)

É preciso considerar que o debate entre Vicent Carretta e Paul Lovejoy insere-se em uma questão mais ampla que existe pelo menos desde a década de 1970. Os estudiosos da África e da Diáspora Africana podem ser classificados entre Afrocentristas e Crioulistas. Os primeiros, do qual Paul Lovejoy é um dos principais representantes, defendem que os africanos, independente da condição escrava, mantiveram sua cultura e seus valores no novo mundo. De acordo com eles, as transformações culturais aconteceram através de uma perspectiva geracional. Por outro lado, os crioulistas defendem uma transformação cultural efetiva nas perspectivas culturais dos africanos que chegavam ao Novo Mundo, provocado pelo contato com agentes de diferentes povos. Olaudah Equiano foi um símbolo da capacidade que os africanos tinham de manter suas primícias culturais. Assim, a inserção de Vicente Careta questionando diferentes aspectos da auto-biografia de Equiano também pode ser visto como uma “inversão simbólica” para uma possível desconsideração das idéias dos africanistas que sempre tiveram esse personagem como um exemplo de suas teses e hipóteses.

Seguindo o caminho proposto para se pensar as biografias de africanos escravizados que circularam na América do Norte desde os séculos XVIII e XIX, temos os trabalhos escritos sobre Mohammah Gardo Baquaqua. Ele era um africano nascido no interior da Nigéria, onde foi escravizado e levado para o litoral, ainda muito jovem. Depois disso, foi enviado para Pernambuco, onde trabalhou para um padeiro. Contudo, Baquaqua foi logo

vendido ao senhor José Clemente da Costa, um capitão de embarcações que o manteve trabalhando embarcado pelo restante de sua estada como escravo no Brasil. Em 1846, Baquaqua acompanhou o seu senhor em uma viagem para Nova Iorque, onde se deveria entregar um carregamento de café. Baquaqua, então chamado de José da Costa e outro escravo foram aliciados e encorajados a fugir por abolicionistas norte-americanos. Depois disso, Baquaqua viajou por diferentes lugares da América do Norte, de onde pretendia voltar para a África, sua terra natal. Em 1854, com ajuda de um missionário batista, Baquaqua lançou sua autobiografia, onde narrava suas aventuras e desventuras como um africano escravizado pelo mundo atlântico. (LAW; LOVEJOY, 2007)

Por algum tempo, pensou-se que o capitão Clemente da Costa tinha residência fixa no Rio de Janeiro e, conseqüentemente, Baquaqua teria vivido naquela cidade durante o período que esteve como escravo no Brasil. (LOVEJOY, 2002) Pesquisas recentes demonstram que o dono da barca Lembrança, o Senhor José Joaquim Pereira Rocha, era de fato um comerciante do Rio de Janeiro. O capitão Clemente era residente na cidade do Rio Grande. Entretanto, tanto o capitão como o seu escravo Baquaqua eram homens do mar, tinham frequência na pouco estudada rota entre o Rio de Janeiro e o Rio Grande dos Sul. (BEZERRA, 2010) Assim, pode-se dizer que as experiências daquele que teve a mais espetacular experiência do mundo atlântico até hoje conhecida, não se trata apenas de um exemplo de escravo que lutou por sua alforria, mas de alguém que conheceu lugares, estabeleceu relações, não conheceu limites e tornou-se uma inspiração de liberdade até os dias atuais.

Considerações finais

A biografia não é um método simples. As necessidades de informações precisas é um desafio para qualquer historiador que se dedica esse método de investigação historiográfica. Relacionar a biografia e o tema da escravidão e da diáspora africana é ainda mais desafiador. A escassez de fontes e a incerteza da abordagem adequada são apenas alguns dos problemas do historiador que se propõe a recuperar a memória daqueles que foram excluídos pelo peso da escravidão. Além disso, diferentes concepções de biografias e o temor de uma volta ao “culto dos indivíduos” são cuidados que precisam ser tomados com a coragem necessária e sem os exageros do preciosismo.

Mas a biografia também é um método revelador. Sua correta aplicabilidade permite uma interessante transição entre a metodologia dos números e uma historiografia que dá nome para os escravizados africanos. Mais do que isso, a biografia coloca o africano como agente de sua própria história, revelando a capacidade humana de pessoas que, mesmo na condição de escravizados, construíram sua própria história. Não é fácil, mas não é impossível. Diferentes historiadores já demonstraram que a biografia de escravos não só é possível, como também é um gênero interessante e eficaz para a desconstrução de preconceitos e a ampliação de nosso conhecimento sobre o nosso passado escravista.

Referências

BEZERRA, Nielson Rosa. “Baquaqua in Rio de Janeiro: Multicultural experiences of the Atlantic World”. Trabalho apresentado no International Seminar Rethinking Multiculturalism: Brazil, Canada and United States. Centre for Research on Latin America and the Caribbean. Toronto, York University, jan, 2010.

BEZERRA, Nielson Rosa. “Baquaqua’s Life: African Voices in Brazilian Documents”. Trabalho apresentado na Buea Conference Buea, Camarões, University of Buea, dez, 2010.

CARRETA, Vicent. *Olaudah Equiano, The Interesting Narrative and Other Writings* (New York: Penguin Books, 2003)

CARRETTA, Vicent. “Questioning the Identity of Olaudah Equiano or Gustavus Vassa, the African”. In: Carolyn A. Brown and Paul E. Lovejoy. *Repercussions of the Trans-Atlantic Slave Trade: the interior of the Bight of Biafra and the African Diaspora*. Toronto: Africa World Press, 2010.

LARA, Silvia H. (coord). “Escravidão”. *Revista Brasileira de História*. Edição especial. São Paulo: ANPUH, 1988.

LAW, Robin; Paul LOVEJOY. *The Biography of Mahommah Gardo Baquaqua, his passage from Slavery to Freedom in Africa and America*. Princeton: Markus Wiener Publishers, 2007.

LORIGA, Sabina. “A biografia como problema”. In: Jacques Revel (org.) *Jogos de Escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: FGV, 1998, p. 225-250.

LOVEJOY, Paul. “Biography as source material: towards a biographical archive of enslaved Africans”, in Robin Law, ed., *Source Material for Studing the Slave Trade and the African Diaspora*. (Centre of Commonwealth Studies, University of Stirling, 1997): 119-40.

LOVEJOY, Paul. “Identidade e a miragem da etnicidade: a jornada de Mahommah Gardo Baquaqua para as Américas”. In *Afro-Ásia* 27 (2002), p. 9-39.

LOVEJOY, Paul. “Autobiography and Memory: Gustavus Vassa, alias Olaudah Equiano, the African”. In: Carolyn A. Brown and Paul E. Lovejoy. *Repercussions of the Trans-Atlantic Slave Trade: the interior of the Bight of Biafra and the African Diaspora*. Toronto: Africa World Press, 2010.

REVEL, Jacques. "Microanálise e construção do social". In: Jacques Revel (org.) *Jogos de Escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: FGV, 1998, p. 15-38.

REIS, João José. *Domingos Sodré, um sacerdote africano. Escravidão, liberdade e candomblé na Bahia do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SILVA, Eduardo; REIS, João José. *Negociação e conflito: a resistência negra no Brasil*

escravista. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

SILVA, Eduardo. *D. Obá II D'África, o príncipe do povo: vida, tempo e pensamento de um homem livre de cor*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

VASSA, Gustavus. *The Interesting Narrative of the Life of Olaudah Equiano, or Gustavus Vassa, the African. Written by Himself* (London, 1789).